



RESENHA: PELINSER, ANDRÉ TESSARO. *O CÉU DAS PEQUENAS CRIATURAS*. SÃO PAULO: EDITORA URUTAU, 2021

Bárbara Del Rio Araújo*

* barbaradelrio.mg@gmail.com
Doutora em estudos literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora de Literatura Brasileira no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), campus Nepomuceno/MG.

A rígida separação entre o sublime e o real cotidiano foi desmitificada por Erich Auerbach que dissertou sobre como a mistura estilística poderia auxiliar na representação mimética. Nesse aspecto, o estudioso analisou matizes do realismo desde a Bíblia até textos modernos como *O Farol*, de Virginia Woolf. Além disso, especificou sobre como o elemento da criaturalidade corpórea, dos objetos cotidianos e das mesclas de classes entre figuras, ajuda a construir distintas visões de mundo.

Diferentemente, porém de maneira combinada, Mikhail Bakhtin apresentou a mistura estilística, o alto e o baixo, o cômico e o sublime, como importante mecanismo para a criação dialógica entre grupos sociais enunciados no texto. Deste modo, demonstrou como o plurilinguismo se

faz presente no discurso poético, revelando uma batalha da palavra que dramatiza faces transitórias do embate histórico. Através da forma e do conteúdo do texto literário, por exemplo, pode-se perceber que a realidade “fala” como um evento permanente de interação.

Esses dois autores ressoam e estão presentes ainda que indiretamente no método de construção do primeiro volume de poemas de André Tessaro Pelinser. *O céu das pequenas criaturas* já oferece no título uma relação entre figuras sublimes e baixas e isso se amplia na composição dos poemas como estratégia formal da aguçada crítica social presentificada em tom melancólico. Berttoni Licarião caracteriza o livro como “repleto de momentos de franca epifania: visões da amplitude e percebimentos de

miudezas que, articulados com segurança pelo autor, trazem a experiência que não se esgota na representação de um tempo acelerado e pandêmico porque atenta às feridas mais profundas do sentimento do mundo”.

A obra de Pelinser é sim uma perspectivização múltipla de estilos, figuras, vozes orquestradamente desorganizadas a dizer sobre o tempo de hoje, mas também de ontem, quando iniciávamos um processo de modernização que combinava atraso e barbárie, excluindo a humanidade como agente. Em meio ao grito de revolta está o silenciamento que também se manifesta como luta, abafada pelas máscaras e por um contexto que sentimos e agora refletimos representados poeticamente.

Os poemas são organizados em cinco partes que sugerem, cada uma a seu modo, a condição dos “sobreviventes do ocaso dos dias”. Nesse aspecto, a condição de pequenez dessas criaturas é enfatizada ao mesmo tempo em que se evidencia a capacidade de resistir, em uma simbiose de degradação e sublimidade.

Especificamente na primeira parte – “Confinados” – os poemas trazem a perspectiva temporal como central na configuração lírica, além do tema do silenciamento dramatizado de modo visceral, tudo a representar a experiência

de confinamento daquele que vive “o som duro e inapelável do marcador do apocalipse”. (PELINSER, 2021, p.11)

O poema “O tempo voa”, por exemplo, resgata a situação comezinha da afirmação popular de que já é Maio e tudo se transcorre rapidamente, porém, flagra o fingimento que a constatação implica nas vidas monótonas de quem pouco se move, uma vez que “o tênue odor do caos que se instalou e que teima/teima em entrar pelas janelas e pelas narinas” (PELINSER, 2021, p.13). Deste modo, é imprescindível compreender a presença da discussão da pandemia como temática nos textos. Ela, assim como a configuração política social caótica e absurda, aparece revelada em “A companhia do poeta” e “Ao final de mais uma semana”. Entretanto, está matizada nas imagens, como a de “Escafandro completo” que ajuda a “enfrentar a pressão do dia”. Destaco a importância da poesia como um respiro, um alento:

talvez o engenho humano devesse ser
decepado com a lâmina correta e com o verbo exato
exato como um corte preciso no impulso
constante de assassinato.
(PELINSER, 2021, p.21)

É o estado da poesia que tornou “João capaz de ver além”, de sentir a lição da poesia “como se fosse o último instante do dia”, resignificando a chuva, trazendo “a alegria de menino liberto”. Visceralmente, a poesia se impõe e, ainda que não fomente a utopia, favorece a reflexão:

saí às ruas à procura de frases soltas
 (...)

saí porque queria adotá-las e reabilitá-las
 (...)

reescrever a importância das vidas
 e negar voz à barbárie nossa
 mas as palavras estavam sujas e cansadas
 deturpadas até a raiz verde.
 (...)

e não puderam narrar nada de novo
 me deixaram pasmo com a crueza do mundo.
 (PELINSER, 2021, p.27)

A potencialidade da segunda parte – “Abandonados” – está na solidão do eu lírico transmutada nos objetos. A esfera íntima está nas coisas do cotidiano, na natureza que representa e encena a situação desamparo: “na borda da cama/ junto à dobra do lençol/ construímos um abismo/ onde naufragamos os sonhos. (...) como parceiro diligente / semeei com palavras as ervas daninhas/que

vicejam na água salgada/onde começam os finais”. (PELINSER, 2021, p.38)

Assim como na primeira parte, o tempo tem um papel importante. Apresentar o passado significa enfatizar a sensação de abandono e desterro do presente. Nesse sentido, trajetos, caminhos, direções são aventadas mas sempre sem destino estabelecido: “mudar de direção ainda assim/ é um engano em que acreditamos/ mas no deserto não há vento ou água/ para içar velas e buscar nova intempérie”. (PELINSER, 2021, p.32)

A constatação é pela falta de amor, de si e também da poesia. Tudo isso metaforizado no poema. A inocência do casal está na figura de uma ducha fria de resistência queimada. O poema depositar o sentido de uma porta fechada é enfático: “o verso secou em mim (...) sou deserto por dentro (...) nem a palavra úmida e grávida germina”. (PELINSER, 2021, p.41)

O eu lírico se divide no espaço, no tempo e nas coisas como se “quisera eu dar corda de novo/mover engrenagens/posicionar ponteiros/escolher um futuro sem sobressaltos”. (PELINSER, 2021, p.45)

“Empesteados” infere a representação da pandemia uma vez que sugere a figura do homem a esmo, visceralmente infectado por um contexto que promove a solidão e a desesperança. O tom dos poemas ironiza a situação de desumanização sobretudo em políticas públicas: “É preciso e urgente/ padronizar a matemática dos corpos/ quantificar os sistemas de infecção/organizar a logística dos necrotérios/ garantir matéria-prima às funerárias/ madeira e carne em ritmo acelerado”. (PELINSER, 2021, p.48)

O apelo à poesia e a à memória se faz presente como uma resistência também frágil, como “pedaços de fuselagem”. Inferências irônicas e sarcásticas são notáveis seja na figura de um “capitão seguro de si» quanto no diálogo interpoético de “novidades” que revela que «se João gostoso não tivesse terminado na lagoa Rodrigo de Freitas (...) sairia do mesmo barracão sem número (...) até virar mais um corpo enfileirado em frente ao necrotério” (PELINSER, 2021, p.53)

A penúltima parte – “Injustiçados” – tematizará a sociedade de classes e como isso impede o desenvolvimento humano. Nesse sentido, há a representação das figuras do bêbado, do poeta, como seres que, de alguma maneira, reformulam a tese da produção, negando-a, abrindo as feridas. O diálogo com

as notícias e com as cenas nacionais nos fazem lembrar de João Pedro¹ e de que:

raciocínios cartesianos
ou pós-modernos
lógicas matemáticas
ou estatísticas sociais
estudos pormenorizados
ou teorias abrangentes
nada fornece a medida
da resistência de uma parede
atravessada por um projétil
alojado num corpo infantil
(PELINSER, 2021, p.67)

A crítica ao desenvolvimento, ao progresso e à civilização se coloca na medida em que toda técnica não ameniza a barbárie e, muitas vezes, a favorece. “Sentença”, por exemplo, nomeia como o ritmo acelerado da produção, o apreço pela divisão do trabalho, revelando que a proatividade meritocrática alarga as diferenças e impede qualquer tipo de bem estar social: “a periferia alaga, pois as oportunidades/ as oportunidades nascem das dificuldades/ e as dificuldades são muitas/quarenta dias para empreender/ táticas de sobrevivência e revolucionar/o mercado do desespero/ eis a sua sentença”. (PELINSER, 2021, p.69)

1. Adolescente morto em conjunto de favelas no Rio de Janeiro.

Por fim, “Ressecados” se refere à secura não especificamente de água, mas também da seiva de vida. Interessantemente, os poemas dessa parte estabelecem relações com a cidade e com a natureza. A reflexão sobre o progresso e a babárie ganha espaço e destaca a situação de fim da utopia: “as ruas seccionam desertos em todas as direções/ dividem vidas entre idas e vindas/ volta e meia desembocam em becos sem saída”. (PELINSER, 2021, p.79)

Os termos utilizados pertencem a áreas diferentes do conhecimento como a cartografia, a urbanização, a botânica entre outros para representar a precariedade de humanidade; exemplos claros disso são os poemas “Valo”: “o vende da cidade digerendo sua matéria/ dura e impura vinda das veias nas suas ruas”. (PELINSER, 2021, p.80) E “Hidrografia”: “epiderme urbana sem veios/ desenhada sobre papel morto/ da cidade desidratada”. (PELINSER, 2021, p.81)

Além das relações de conceitos de áreas diferentes e da representação ambígua da desidratação ambiental e espiritual, todas efetuadas pela falta de humanidade, existem outras relações que merecem destaque como a intertextualidade proposta com poetas, como Joao Cabral de Melo Neto. “Cacto só espinhos” apresenta um diálogo frequente com “Uma faca só lâmina”. Aliás a figura do cacto é relevante fortaleza nessa parte da obra.

Se for possível uma síntese dessas cinco partes, escolheria “Ícaro do sertão”, já que n’ *O céu das pequenas criaturas*, o eu lírico é como o filho de Dédalo, grande inventor, desejoso por romper com ousadia as amarras do sistema. Contudo, diferentemente do personagem mitológico, sabe da existência do céu e do sol, e prefere estar imerso corporal e visivelmente à realidade, à terra e ao cotidiano. Assim, esse Ícaro, pequena criatura, é feito da matéria e aspira todos os voos celestes, mas sabe das contradições que o acompanham :

Preso no sertão
Sou como Ícaro ao revés
O sol me alcança todos os dias
Mas não encontra asas para derreter
Possuo em mim todos os voos
Nas pontas dos dedos
Na sola dos pés
(PELINSER, 2021, p.87)

Não se poderia terminar essa resenha sem mencionar, ao menos, a ilustração de capa, realizada por Victor H. Azevedo que expõe uma criatura ferozmente em combate com uma lança, aspecto que aprofunda a figurativização da luta cotidiana que a todos envolve.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1979.

LICARIÃO, Berttoni. [Orelha do livro]. In PELINSER, André Tessaro. **O céu das pequenas criaturas**. São Paulo: editora Urutau, 2021.

PELINSER, André Tessaro. **O céu das pequenas criaturas**. São Paulo: editora Urutau, 2021.

Recebido em: 26/06/2022

Aprovado em: 26/10/2022